

A reflexão tem como ponto de partida a leitura do livro *Tempo de Espera – como vivem as crianças, o casal e os trabalhadores sociais à espera da adoção*, de Antonio D’Andrea².

O autor nos leva a um caminhar reflexivo tendo como interlocutora a pequena Martina, de apenas 6 anos de idade. Inquieta e cheia de vida, Martina nos remete a lugares antes visitados sem muita atenção... e nos mostra toda a ansiedade, alegria e temor que eles podem nos causar.

Martina foi separada de sua família de origem e vive um período onde perdeu a condição de filha. Perder a condição de filha... essa é uma reflexão pela qual muitos de nós, talvez, ainda não tenha tido a oportunidade de passar... parece que a condição de filho ou filha é perene: nascemos filhos e teremos sempre essa condição, mesmo que os nossos pais tenham falecido. Triste constatar que as crianças que se encontram em instituições de acolhimento vivem um momento de suspensão dessa condição: estão privados temporariamente (ou definitivamente!) de serem filhos.

O diálogo de Martina se desenvolve com o Construtor de Pontes. Ele é o responsável por auxiliar a menina nesse “tempo de espera”; a construir com a criança um novo vínculo, levando-a a vislumbrar a possibilidade de novamente acreditar nos “grandes”.

*“Os diálogos entre Martina e o “Construtor de Pontes” levam o leitor a sentir quanto o dar e receber amor é o alimento essencial para uma relação autêntica entre pais e filhos.”*³

Nas idas e vindas desse caminhar o aprendizado é recíproco: de Martina e do Construtor de Pontes. Este experimenta refletir na perspectiva da pequena menina, que demonstra sua fragilidade e temor diante da situação vivida – perda da condição de filha – e da que está por vir – inclusão em uma nova família. Aquela começa a se abrir para criar vínculo com uma “espécie” que lhe trouxe sofrimento profundo: o adulto.

¹ Servidora do TJDF, graduada em Pedagogia pela UDF, especialista em Direito Processual Civil pela Universidade Católica de Brasília – UCB.

² Antonio D’Andrea é psicólogo e terapeuta familiar e trabalha no Centro de Saúde Mental de Formia, Itália, onde é responsável pelo Serviço de Terapia Familiar, e se dedica, também, à consultoria e avaliação de casais que aspiram entrar num processo de adoção de um filho.

³ D’Andrea. Antonio. Tempo de espera: como vivem as crianças, o casal e os trabalhadores sociais à espera da adoção / Antonio D’Andrea. [tradução Luci Moreira da Costa] – São Paulo: Instituto de Terapia Familiar de São Paulo – ITFSP. 2012. pág.19.

Para diminuir sua ansiedade e medo, Martina decide escrever uma carta para seus futuros pais compartilhando com eles os seus sentimentos, a sua história, a suas decepções, a sua dor e, também, os seus sonhos. E confia ao novo amigo: “(...)da primeira vez, ninguém me perguntou se eu queria ir lá onde eu nasci; e também desta vez ninguém me pergunta nada. Por quê?”⁴

Provavelmente a menina não tenha se dado conta de que de modo pouco consciente, “pedia aos seus novos pais para adotar, junto com ela, também as suas lembranças e a sua dor”⁵.

“Uma ponte não se pode construir senão partindo contemporaneamente de dois pontos de apoio, que se soldam no ponto de encontro. É a fascinante tarefa dos pais fazer a criança sentir que este “ponto de encontro” é a própria história que começarão juntos, que vai soldar as histórias vividas antes: por eles mesmos e pela criança. Os pais adotivos colhem “o testemunho” dos pais naturais, para fazer com que o projeto de vida da criança continue.”⁶

O Construtor de Pontes se dá conta do quão importante é dar voz à criança que vive esse tempo de espera: conhecer suas expectativas em relação à adoção, aos novos pais, à aceitação destes no que tange à sua história de vida, às suas lembranças, temores, ansiedades. “Mas para aprender a escutar uma criança é necessário despojar-se da arrogância de compreender as necessidades da criança sem conhecê-la.”⁷

O Construtor de Pontes percebe como os adultos frequentemente repetem o comportamento do “sabe-tudo”, construindo respostas prontas para situações, procurando convencer a criança do que, em muitas vezes, nem ele acredita. “Sabe, falando com você, escutando-a, percebo que é verdade: frequentemente nós, adultos, somos mesmo estranhos. Construimos respostas para dar a vocês, crianças, mas nem sempre essas respostas servem para fazer compreender. São explicações, justificativas, para nos convencer de que aquilo que fizemos ou dissemos é justo.”⁸

A partir de então a perspectiva do encontro entre uma criança e um casal em tempo de espera muda completamente. Ambos vivem um período de suspensão de suas condições: a criança, uma condição que lhe foi dada e que lhe foi tirada: a de filha; o casal, uma condição sonhada que lhe foi cerceada: a de gerar um filho biológico.

⁴ Idem. ibidem. pág.35.

⁵ Idem. ibidem. pág. 39.

⁶ Idem. ibidem. pág. 90/91.

⁷ Idem. ibidem. pág.21.

⁸ Idem. ibidem. pág. 40.

A certa altura Martina relata a visita de atores sociais à sua residência. *“Uma manhã veio a nossa casa uma senhorinha que falava com voz altíssima, como se fôssemos todos surdos. Trazia uma pasta debaixo do braço; de vez em quando a abria e escrevia alguma coisa nas folhas; e depois olhava tudo à sua volta. Fazia um monte de perguntas. Procurava ser carinhosa comigo, mas eu não entendia nada: era um terremoto! (...) Depois não lembro bem. Fizeram-nos falar com outras pessoas que não nos conheciam. Alguém tomou todas as decisões”*⁹.

Relato muito familiar para todos os que trabalham em órgãos de proteção a crianças e adolescentes. É legítimo que mantenhamos um certo distanciamento dos inúmeros casos que trabalhamos diariamente... o que não é correto é formarmos uma couraça que nos torna insensíveis à dor dos sujeitos em questão e, ainda, nos colocar em uma posição quase inatingível de saber em relação a eles.

Ser construtor de pontes nesse processo entre a criança e o(s) adotante(s) é o que nos faz sair da esfera de atores sociais como a “senhorinha” descrita por Martina para sermos, também, sujeitos dessa relação em construção; contribuindo na construção dessa ponte de forma cuidadosa. Assim, a criança poderá entender que os novos pais “reacenderão as suas esperanças, ajudarão você a confiar mais nos outros, a ter menos medo; farão você entender que poderá contar com eles nos momentos difíceis; também deixarão você tentar fazer as coisas sozinha. Você irá errar, sem que se intrometam sempre ou que façam em teu lugar por medo de que você não saiba fazer sozinha...”¹⁰

Nesse processo de construção de pontes entre a criança e a nova família haverá, também, momentos de recolhimento, de desolação... momentos necessários para sedimentar essa nova relação, para digerir sofrimentos, expectativas e para acolher o outro com a sua história. Isso faz parte de qualquer história que envolva pessoas, especialmente a familiar.

⁹ Idem. ibidem. pág. 42

¹⁰ Idem. ibidem. pág. 65.